

Apresentação

Verso e reverso: Teatro itinerante e outros teatros

Aristóteles, em sua *Poética*, dedica espaço especial à tragédia, comparando-a à epopeia, estabelece, enfim, conceitos que embasariam a tradição ocidental acerca do fenômeno literário como é o caso da mimese, da catarse e da verossimilhança. No caso particular da mimese, o filósofo helênico postula caracteres que transcendem a mera imitação do real, concedendo-lhe a possibilidade de criação do conhecimento, ou, caso se queira, a aprendizagem do real, e o prazer em suas diversas formas. É relevante, contudo, notar que, ao dedicar-se à enumeração e à caracterização das diferentes partes que compõem a tragédia, Aristóteles (2005, p. 25) afirma:

Como a imitação é feita por personagens em ação, *necessariamente seria uma parte da tragédia em primeiro lugar o bom arranjo do espetáculo*; em segundo, o canto e as falas, pois é com esses elementos que se realiza a imitação¹.

Sob orientação desta premissa, em que se assentavam as representações realizadas nos teatros gregos, é que se retoma o estudo do teatro como texto literário e representação cênica, em um processo de interlocução, no qual se cruzam o fazer acadêmico e o trabalho artístico, da mesma forma que dialogam o texto individual, solitário, objeto de leitura, e o texto coletivo, que sobe ao palco e se concretiza com um ato colaborativo.

Apresenta-se, a seguir, uma entrevista com o professor Clóvis Dias Massa, doutor em Teoria da literatura (PUC/RS, 2005), cuja tese parte do estudo entre a teoria da recepção proposta por Jauss, através da sua já clássica conferência realizada na Universidade de Constância (Alemanha), e a estética teatral. Para que fosse possível conhecer o pensamento que conduziu à formatação da tese em pauta – “Estética Teatral e Teoria da Recepção” -, elaborou-se uma série de questionamentos sobre o fazer acadêmico do professor e, ao mesmo tempo, do trabalho artístico do intérprete/ator que, conforme se observará, é marcado pelos estudos da memória da arte e dos artistas, da História do teatro e da preservação cultural em todas as suas formas. A primeira entrevista, pois, é marcada pelo viés adotado pelo professor que se vincula à chamada literatura culta e sua representação cênica,

¹ Grifo nosso

posto que suas pesquisas docentes encontram respaldo teórico no fazer acadêmico, no conhecimento acumulado a respeito do teatro considerado erudito.

Após a entrevista com o professor e intérprete teatral, traz-se uma segunda entrevista em que se dá voz ao artista mambembe, parte integrante das trupes de teatros itinerantes que percorrem o interior do Brasil e levam, a pequenas cidades, entretenimento, lazer e uma forma, ainda que rudimentar – visto que limitada pelos recursos cênicos e financeiros -, da arte teatral. Para a consecução da entrevista, convidou-se o ator, diretor, ensaiador Ben-hur Benvenuto de Almeida, um dos herdeiros do velho palhaço Nhô Bastião, cuja trajetória iniciou-se no interior paulista, em lavouras de café e teve continuidade, nos últimos cinquenta anos no estado do Rio Grande do Sul, na figura do palhaço Serelepe, representado por José Maria de Almeida e, mais tarde, por Marcelo Benvenuto de Almeida, respectivamente, pai e irmão do entrevistado. O que se sobressai, nesta entrevista, é a experiência acumulada pelo fazer diário, o aprendizado feito em coxias e que se conformou pela observação do trabalho dos mais velhos.

O leitor que mergulhar na fala de dois homens apaixonados pelo seu meio, pela sua escolha profissional, encontrará alguns pontos de convergência em que, além da paixão, se sobressaem o respeito ao mais velho, à criatividade, à sensibilidade, à capacidade de fazer rir ou fazer chorar.

Referências

ARISTÓTELES. **A poética clássica**: Aristóteles, Horácio e Longino. 12.ed. Trad. Jaime Bruna. São Paulo, Cultrix, 2005.

Elaine dos Santos (UFSM)
Setembro de 2010.